Conto 1. O escritor

17 anos tinha, minha família não estava nem ai para o que eu fazia ou deixava de fazer, no inicio era um dos melhores alunos da escola, tirando notas exemplares, ninguém se quer orgulhava-se de mim.

Foi quando tudo começou, todos em minha volta não notavam minha presença, com planos em obter uma vida exemplo, igual às famílias que apareciam nos comercias de margarina,eu entrei na vida do crime. Eu não trabalhava, mais não porque não queria, mais sim por falta de recursos; sempre fui um garoto considerado, em todos os lugares que me recolhiam, tenho amigos ricos e pobres, ladrões e vitimas, as meninas, ai as meninas, nunca me dei bem com elas para falar bem a verdade, mais sempre acabava dando um jeito para estas certas coisas.

Mais o segredo obscuro ainda está guardado, ninguém imaginava que vendia drogas, família, amigos; os únicos que sabiam dos fatos era o homem que fornecia e os que compravam, fora isto era total cautela, ficava de segunda a quinta no vapor, para que, sexta, sábado e domingo pudesse torrar a grana toda juntada na semana, mais tudo que vem fácil vai fácil, não digo que me arrependo de tudo, foi bom, foi bom! Mas se tivesse como mudar o roteiro da história, pode acreditar, daria um jeito de mudar.

Em minha casa nós não passávamos nem um tipo de

necessidade, mais o único que não trabalhava era eu, minha mãe se quer me cobrava isto, ela mesmo sendo energúmeno, sempre colocou os estudos em frente a tudo, mas esse verdadeiro sentimento entre mãe e filho, não encontrei em casa, foi na casa de um de meus colegas, que esse tal afeto eu encontrei, nossa uma das melhores sensações que um filho pode sentir, aquele cheiro de comida fresca no almoço, quando entrava na residência deles, era como se fosse um filho de verdade, não consigo explicar a sensação, mais uma coisa lhe digo, se sua mãe está perto a abrace...

O dinheiro q vinha do trafico, para os amigos eu dizia que quem me dava esta tal grana era minha mãe, a verdadeira, sempre criei uma imagem de minha mãe que não é verdade, teve até vezes que colocava o celular para despertar, só para dizer que o motivo do toque era ela preocupada com minha ausência. É era eu e deus não tinha massagem não. Com o tempo passando, e cada vez mais amadurecendo, as necessidades sexuais apareceram, comecei a me relacionar com uma ex-namorada de um colega, filha de pai policial e mãe advogada, com uma diferença no patamar de classes muito grande, ela me encantava, o que rolava entre nós não era amor, foi apenas curtição.

O tempo foi passando e aquele menino doce dedicado, que nem se quer incomodava a presença do próximo, desabrochou, virando um monstro, causador de famílias destruídas, devido aqueles entorpecentes que vendia sem crueldade alguma, é o peso nas costas é grande. A minha maior sorte, que hoje eu agradeço a deus por isto não ter acontecido, até agora, foi de nunca experimentar nenhuma dessas drogas que vendia, sempre fui firme em tais ocasiões,

pois não vejo futuro nisso, e pelo fato do ditado, “caminho sem volta”.

Sempre questionando tudo, não sei o porquê, mais sempre quando vinha um homem bacana, que apresentava a ser rico, nunca vendia, era os maiores lucros, mais não vendia é por inveja deles mesmo, se deus tivesse dado a oportunidade que deu a eles, abraçaria e não largaria de jeito algum, pois nascido numa família bacana, não ia ter o porquê de entrar nesta vida, mais para mim que estou fora do que eles sentem na pele é fácil argumentar, mais garanto se eles tivessem passado o que eu passei, aposto que eles não estariam escrevendo aqui pra você agora...

Neste tempo era muito fácil entrar em baladas, em casas noturnas; depois da minha primeira identidade falsa vieram mais três delas, não mudava nome, apenas editava a minha própria identidade, só que um ano há mais no histórico. Foi nessas que conheci Dani, meu primeiro amor verdadeiro, e único, quando a tocava, sentia calafrios, tremia quando a olhava. Dani me adorava, desde quando ela namorava o tal do Pessuti, que sempre se gabava só pelo fato de seu sobrenome ser o mesmo do governador, éramos amigos nós dois, amigos entre aspas na verdade, conversava com ele, mais sempre de olha a quem estava ao seu lado, os dois se desenrolaram e umas semanas depois, já botei em prática o meu plano; sem termos absolutamente nada conheci os pais delas, duas pessoas ótimas em caráter, e exemplo de vida, depois disto fui afastando-me da vidinha que levava, lembro-me de dormíamos juntos, e sempre depois que ela adormecia, ligava a luz do abajur e ficava horas assistindo ela dormir, parece inacreditável, como um cruel “aviãozinho”

podia amar...

Em uma segunda de sol escaldante, no centro de Curitiba, encontrei um de meus fregueses, Dani estava ao meu lado, e segurava um guarda-chuva, não sabia o porquê daquele guarda-chuva mais ele estava ali, o freguês foi bem cauteloso:

-DAE GANANCIA (era como me chamavam) TEM UMA CRIPTONITA AI?

Sem reação alguma, simplesmente fingi que nem era comigo, curvei-me o rosto e continuamos andando. Depois do descaso, me toquei que estava correndo risco agora, sem dizer dividas que abandonei, tinha pessoas que me deviam 100, 200 reais, mais achei melhor esquecer e me apegar um pouco mais ao que a vida oferece de bom.

Estudando, porem com muitas faltas, na escola ainda dava o melhor de mim, só que as noites que fiquei na praça bebendo e vendendo, foi o que deu inicio a primeira reprovação de ano. Uma de minhas professoras parecia notar tudo, sempre me olhava com um olhar “eu sei o que você fez no verão passado”, mais ela apenas me assustava, pois vendia para poucos na escola .
Tinha pensado varias vezes em parar de vez , sair da vidinha, algo ali nada natural me puxava, e o dinheiro era mais forte; veio de praxe o primeiro tombo, Alumínio o cara que me passava os pacotes, sangue bom, que deus o tenha em um bom lugar, representava, sempre deixava ficar devendo umas moedas. Numa sexta feira, não era comum ir lá na abastecer-me de drogas; Alumínio me ligou e no apartamento

dele eu fui; sempre fazia entregas não levava ninguém ali, ao meu chegar ficamos prosando, quando der repente batem na porta ...Ficamos pasmos, não sabia o que fazer, pois o único que ele dizia o visitar era eu, quando abrimos a porta, a policia, mais estranho que eles não vinham em comboio igual quando invadem o local mesmo, estavam em dois apenas, deitamos no chão nos algemaram, apenas sentia o bico da doze em minhas costas, e as perguntas : ‘’cadê? Cadê? Tem muito mais que isso aqui que eu sei’’, nos botaram na viatura, Alumínio nunca tinha me falado o nome verdadeiro dele, contudo, não nos levaram para a delegacia, encostaram a viatura numa escuridão imensa, onde só se via o trilho de trem, no capo da viatura se via tudo, uns cinco mil em dinheiro, e uns 15 mil em cocaína, os dois policiais soltaram-nos das algemas e descontaram toda a raiva que sentiam que em seus corações se encostará, os dois noiados de tanto cheirar aquele pó, mandaram nós corrermos, no escuro, nunca que achei que algum deles ia atirar foi quando olhei em minha blusa havia um buraco, e os tiros ainda nos arriscavam, continuamos a correr, na hora escutei umas risadas, olhei para o lado, Alumínio ria ,foi bem nessa hora em que ele caiu e a ultima palavra que eu escutei dele foi:

-Corre Marcé, Corre!

Uns minutos dali, parei respirei e tentei voltar, mas não enxergava um palmo à frente, até que encontrei marcas de pneu, as segui e acabei encontrando o trilho de trem novamente, fui correndo ao lado do trilho, meus pés choravam pedindo pra parar, mas eu corria, corria.
Cheguei em casa, me limpei de todo aquela sujeira, e dormi, para acordar no outro dia, e DEUS me dizer que tudo aquilo

foi um sonho.
Logo de manhã batidas na porta, minha mãe reclamando que a chamaram na escola devido as minhas faltas, com a boca cheia de merdas para falar eu apenas disse a ela :

-Quando eu era o melhor você me ignorava, este foi o jeito que eu encontrei para mostrar que eu existo...

Nem dei moral, não abri a porta, continuei dormindo, passou-se um tempo ela voltou, sua professora de português disse que você tem prova hoje senhor Marcelo, e também disse que você fica criando coisas na escola, mentindo para as pedagogas e professores, com uma voz roca supliquei:

-Desculpa mais esse foi o filho que você criou

Você leitor deve pensar o porquê disso “ela é sua mãe”, mais aposto sua vida não tem o mesmo gás que a minha.
Depois que Alumínio sumiu, e ninguém sabia o que lhe tinha acontecido, comecei a pegar meus pacotes com uns caras mais quentes, não os conhecia muito bem, mais eles sabiam que o Abaeté era meu e ali sempre tinha uma freguesia vasta,estava me metendo num meio não muito agradável, mais quem ta na chuva ta para se molhar !

Um dia na praça conheci um nóia fora do comum, o malandro se vestia bem, e estava sozinho começamos a conversar, ele me disse que estava ali só porque a mulher dele estava grávida, na hora me coloquei ao lugar dele ele dizia :”minha garota de 27 anos está grávida,sou assistente contábil, sei que quando meu filho nascer teremos algumas dificuldades, mas devagar superamos tudo”, o cara me

contou uma tremenda de uma historia, fez com que meus conceitos, mudassem tremendamente até ali, notei que vida loca mesmo não é aquele que esta ali enfrentando o frio para sustentar todos os drogados, vida loka de verdade é aquele que com um salário mínimo consegue sustentar sua família inteira, esse sim é o correria.

Nas tardes o melhor programa era cheirar cola, marcávamos um dia antes, comprávamos as latas, e se entocávamos em qualquer mato que víamos a frente, a brincadeira durava horas, chegava em casa uma nojeira, a vó ficava louca, quando lá pelas 5 da tarde, aparecia para um café tomar, foi nessas que conheci o Danillo, usava as melhores roupas e me inveja não sei por que, me indicou um pico para vender, ele dizia:

-Ganância lá é uma hora e meia no Maximo você já vendeu 30 bucha!

Eu no Abaeté vendia 30 na madrugada inteira, meti a cara, mais tinha uma rapaziada que ali tirava seus sustentos, no começo todos me olhavam torto, mais fui conquistando meu espaço, esse tempo foi vaca gorda mesmo, conheci uns caras que faziam umas notas falsas, a dinheirada ia que ia, foi ai que fui obrigado a comprar meu 38, os caras mais velhos ali no pedaço começaram a me jurar de canto, malandro me liguei na hora, fiquei uns dois dias sem colar meus pés no pedaço de chão ali, antes do 38 chegar 10 pessoas ali vendiam, o ganância chegou apenas quatro agora que me fortaleceram ali continuaram, dominei o lugar, consegui me aliar com os mais focátruas que me mostraram todos os macetes, e os horários que os canas batiam no

lugar, estava tudo sobre controle, pelo menos para mim!

Nesse meio termo, resolvi fazer uma viagem, oito mil em notas falsas, foi o que levei, e apenas o dinheiro da passagem em cédulas verdadeiras, loucura total mesmo! O dinheiro falso ia igual á água, e o troco substituía todo aquele maço falso; aluguei casa com piscina! Era um rodízio de garotas dentro da residência, lembro de acordar, e ver pessoas que se quer tinha visto na minha vida lá dentro daquela casa, uns no sofá, outros ao lado de possas de vomito, carnaval, época de pura curtição. Mais de uma noite desse belo, e glamoroso carnaval se destaca uma, terceira noite se não me há falha, quando sai de casa ao anoitecer, com minha garrafa na mão, troquei olhares com uma morena, linda, linda vindo em minha direção, nem ia ir para o mesmo lado que seu andar se direcionava, ao passar por mim, uma leve brisa me envolveu, apenas a segui, deslumbrado com seu andar, tentei aborda lá, lançando papinhos, representando ser séria, olhou para mim, e sorriu, primeiramente perguntei seu nome, negou palavra e perguntou de onde eu era, respondi ligeiro e de fianco, Curitiba, novamente perguntei o nome dela, ela exclamou Maria Caroline, breve e curto a agradeci e virei às costas, odeio esse nome, não me traz boas recordações caso antigo não liguem! Fui ao encontro dos meus dois colegas que diziam estar no bar da canoa, ao chegar no baréco, pedi logo um capeta, bebida típica do carnaval brasileiro, me sentei quando olhei num canto, numa mesa escondida, o Allyson e o Roberto nos maiores amassos com a garçonete popozuda, meu DEUS, que bom se tu tivesse criado o controle da vida, para poder voltar e voltar naqueles cinco dias de carnaval.

Lembro-me que no final da viagem restaram apenas três notas falsas, o resto do dinheiro que tinha era todo verdadeiro.

Sendo o maioral, como os outros me chamaram por um tempo, dominei o pico do boa vista, todos passavam droga para mim,nem precisa dar minha cara a bater, foi nessa que conheci uma garota, impecável, não sei dizer o que me chamou a atenção nela, mais desde o primeiro olhar trocado, posso dizer com firmeza, aquela era minha garota! Não sendo nem um pouco simples, foi devido a ela que abandonei tudo, nossas saidinhas, era tudo no cartão do pai, até a confiança da sogra conquistei, estando a par de que me envolvia com drogas, e a certeza de que daquela vida tinha dado um tempo, eles me fizeram como um filho, passei lembranças boas com aquela família, ali deixei um pouco de mim, aprendi coisas que para minha vida foram essenciais, não sei certo o motivo de o meu relacionamento esfriar, mais fiquei sem saída, e o Abaeté me acolheu.

Ao meu voltar para a praça conheci o sobrinho do Requião, fiquei indignado! Quando as pessoas tem tudo para se tornar uma pessoa de respeito com seu lugar no patamar social, com um deslize, acaba largando tudo isso, devido a abalos sentimentais.

Sorte a nossa que sou pobre, pois se estivesse nascido numa família rica, aos 15 anos já teria me tornado vitima dessa sociedade capitalista, que impõe o dinheiro como centro de tudo, fazendo com que, nós esquecemos o que é viver de verdade, isto sendo a pura verdade mundial, estamos todos com um longo cabresto, o que nos levará ao mesmo destino.

Se você Manoella Weigert que está lendo ai tem algo a me dizer, diga, me diga !

Enfim meus 18 anos, uma festa de aniversário inesquecível, a piazada tramou tudo, mais quem arcou com as dividas? Mais fazer o que o importante é saúde! Fizeram uma armadinha, cai certinho, ali estavam todos, galerinha da igreja, galera do rap, galera do futebol, os pagodeiros até improvisaram um samba, era ali, ali sim estava toda minha família verdadeira.

Com 18 anos comecei a ler ! Machado de Assis, Cecília Meireles, nas noites mal dormidas, batia de frente com aquele Romanceiro da Inconfidência, meu deus, não entendo aquele livro até hoje.

Depois que comecei a ler fui alvo de tiração de sarro, coisas de amigos,como: apelidos, muita gozação, piadinhas...Essas implicâncias continuaram por um bom tempo. Depois de acostumarem com minha leitura tentei oferecer livros para alguns de meus colegas, alguns tentaram, acho que tentaram, o negocio deles era torrar os neorônios, muitos ali vendiam só para manter o vicio.

Tinha um bar no nosso ponto de vendas, e junto de nós ali sempre ficava uma molecada soltando pipa, jogando bolinha de gude, um dia, eu devidamente com um livro de baixo do braço, avistei a policia virando a esquina, chamei um dos moleques ao lado, e eles enquadraram todo mundo, ao olhar-me exclamou :

- Você e o rapazinho da pipa ai, Rapá fora os dois vamo, vamo !